

## DEBATE: MISTIÇAGEM E RACISMO

*Giuseppe Cocco*

*Rodrigo Gueron*

*Geo Britto*

*Leonora Corsini*

*Alexandre do Nascimento*

*Caia Fittipaldi*

*Raul Vinhas*

*Raul Longo*

From: "Giuseppe Cocco"

To: "Global/Brasil"

Sent: Thursday, April 12, 2007 10:07 AM

Subject: [Editores\_global] NEI LOPES

Ola

recentemente, na lista, discutimos sobre Carnaval, Africa e a reposta dada pelo Nei Lopes. Nao acompanhei os detalhes.

Hoje, artigo do Nei Lopes no Globo.

Ai vai a tese. Os negros, escravos e ex-escravos, foram discriminados pela política de branqueamento de Imperio e Republica de favorecer os imigrantes europeus (com reconstrucao historica errada, pois cita uma lei de 1946 (que devia ser destinada a naturalizacao) quando Vargas bloqueou as imigracoes desde 1932 !

Essa tese, muito forte no movimento negro, eh longamente desmontada no livro que publiquei com Negri. Pois se trata apenas da mesma leitura do poder sobre o fenomeno da migracao.

E pior: O problema eh que esse tipo de discurso eh a outra face do miserabilismo do "oprimido". Ou seja, os Negros nao trabalhavam mais dos cafezais ou nas fabricas recém criadas porque eram discriminados....Nao ha, neste discurso, nenhuma potencia do lado dos Negros, dos ex escravos, da dinamica da mestiçagem. Enfim....

Ciao, Beppo

---

From: "Rodrigo Gueron"

To: "Global/Brasil"

Subject: Re: [Editores\_global] NEI LOPES

Mas Giuseppe,

você não acha que do ponto de vista do poder, todo o discurso que o país precisava de branquear e europeizar para ser "civilizado e desenvolvido" e o fato de nos últimos anos do império e primeiros da república se investirem um bom dinheiro do orçamento brasileiro na imigração e nenhum numa política de promoção da cidadania dos negros é sim um política racista?

Ou seja, o projeto da república já nasceria racista...

Abs,

Guéron

Date: Thu, 12 Apr 2007 20:19:28 -0300

To: Global/Brasil

---

From: Giuseppe Cocco

Subject: Re: [Editores\_global] NEI LOPES

Mas Gueron,

esse raciocínio é aquele que tem, por trás, o discurso de que o escravo na fazenda estava melhor do que o negro liberto desempregado! É exatamente o ponto de vista do poder e não da constituição da liberdade. Na constituição da liberdade não há contradição entre libertação (conquistada) dos negros e chegada dos imigrantes europeus! Do ponto de vista da luta, da potência, os negros eram mais livres do que os imigrantes. E os imigrantes eram tão maltratados que não vinham mais e para trazê-los era preciso pagar a viagem e dizer que iam na Argentina e teria acesso à terra. O resto é ponto de vista do poder. Claro que, uma vez que os imigrantes conseguiam - inclusive economicamente - eram integrados mais rapidamente porque BRANCOS, pela sociedade racista. Mas Vargas fechou logo! Em 1932.

Ciao Beppo

---

From: Geo Britto

To: "Global/Brasil"

Date: Thu, 12 Apr 2007 21:25:14 -0300

Subject: Re: [Editores\_global] NEI LOPES

BEPPO, NAO ENTENDI ESTA SUA FRASE:

"Do ponto de vista da luta, da potencia, os negros eram mais livres do que os imigrantes.

COMO MAIS LIVRES SE JUSTAMENTE A SOCIEDADE ERA E É RACISTA?

"E os imigrantes eram tao maltratados que nao vinham mais e para traze-los era preciso pagar a viagem e dizer que iam na argentina e teria acesso a terra. O resto eh ponto de vista do poder. Claro que, uma vez que os imigrantes conseguiam - inclusive economicamente - eram integrados mais rapidamente porque BRANCOS, pela sociedade

racista. Mas Vargas fechou logo. Em 1932.

O QUE ELE FECHOU? POIS SEMPRE SE CONTINUOU CHEGANDO NOVOS IMIGRANTES

GEO

---

From: "Alexandre do Nascimento"

To: "Global/Brasil"

Date: Thu, 12 Apr 2007 21:39:20 -0300

Subject: Re: [Editores\_global] NEI LOPES

Getúlio criou a primeira lei de cotas no Brasil, a Lei dos 2/3, que determinava a obrigatoriedade de que 2/3 dos postos de trabalho fossem de brasileiros. A Frente Negra apoiou isso, mas depois descobriu que os negros continuaram com dificuldades de conseguir emprego, como é até hoje.

Alexandre

---

From: "Alexandre do Nascimento"

To: "Global/Brasil"

Date: Thu, 12 Apr 2007 21:35:27 -0300

Subject: Re: [Editores\_global] NEI LOPES

Olá Beppo e Gueron,

A chamada política de branqueamento não tinha nada haver com beneficiar os imigrantes europeus. Tinha muito mais que ver com o projeto de substituição do trabalho escravo pelo chamado "trabalho livre" e com o racismo mesmo. E isso começou timidamente na segunda década do século 19 e já tinha como pano de fundo, do ponto de vista do Império, o racismo. De acordo com as teorias eugênicas e racistas da época, a miscigenação produzia tipos degenerados, o que pode ser uma das explicações possíveis para o fato que os imigrantes que ganhavam terra eram proibidos de ter escravos, por exemplo.

Agora, a vida dos imigrantes europeus (sobretudo após a lei da Terra de 1850) não era fácil, eles já chegavam devendo (moradia, alimentação, etc.) e foram habitar as senzalas. Boa parte, senão a maioria, eram submetidos a trabalho escravo.

No pós-abolição, os líderes da Frente Negra Brasileira (1931-1936) consideravam que os imigrantes tiravam oportunidades dos negros. Eram nacionalistas (e getulista, por entender que a partir de 1930 houve aberturas para negros - meu avô tinha adoração por getúlio). Num de seus artigos no jornal A Voz da Raça, Arlindo Veiga, presidente da Frente Negra, chegou a escrever o seguinte: "O negro precisa entrar violenta e tenazmente na história do presente do Brasil, conquistar violentamente O SEU LUGAR na

comunidade nacional, porque - desenganem-se! - ninguém lh'o dará por bem...e felizes de nós, ainda, quando o que devia ser nosso fica nas mãos de patrícios brancos e não vai parar nas de estrangeiros!". Naquela época era comuns anúncios de jornal com a advertência "não se aceitam pessoas de cor" e a maioria dos trabalhadores da indústria eram imigrantes ou filhos de imigrantes. É possível que o movimento fizesse relação entre as duas coisas.

Penso que o entendimento de boa parte do movimento negro hoje de que os imigrantes foram beneficiados seja fruto desse processo. Até hoje, os mais velhos insistem na estratégia de "pressionar o Estado Brasileiro" por leis e ações, o que não deixa de ser importante, mas insuficiente do ponto de vista do que o Beppo chama de Marcha da Liberdade. O que fazem os grupos culturais, os pré-vestibulares, os projetos de empreendedores negros e outros, parecem ser atualizações inovadoras da luta anti-racista, mas a maiorias dos que falam em nome dos negros ainda é esse pessoal.

Alexandre

---

From: Giuseppe Cocco

To: Global/Brasil

Sent: Thursday, April 12, 2007 10:21 PM

Subject: [Editores\_global] contra o indentidarismo

Olá,

eh curioso ver como GlobAL passou sendo boicotado pelos racista e os anti-racistas. É que o pessoal gosta mesmo de um pensamento binário! De um lado como do outro ! E é triste constatar que nem os amigos mais próximos leram !

Getúlio fez a primeira lei nacionalista, nada a ver com as cotas. Os negros, se entrassem, seria na base do fato que a ideologia do racismo tinha mudado, não era mais aquela da escravidão, mas a de um novo povo, o povo mestiço de Gilberto Freyre.

O movimento negro, que faz o discurso sobre os imigrantes tem, pois, os seguintes problemas

1) fala do racismo no Brasil como se aqui ele existisse do mesmo modo que nos Estados Unidos, o que não é verdade ! e é um erro político!

2) pega tudo que existe no Brasil depois (e antes) da escravidão como se fosse determinado pela lógica interna do poder  $1 + 2 = 3$

3) Essa vertente do movimento negro foi incapaz de mobilizar uma crítica social adequada ao modelo da democracia racial. Pior, tem um discurso (por simpático que seja) que é especular (a outra face da mesma moeda) ao discurso do poder.

Os negros foram libertos pela necessidade funcionalista de se criar o trabalho livre

Os imigrantes foram o instrumento da discriminação dos negros, que não encontravam assim trabalho, ou seja, os negros sem as possibilidades oferecidas pelo poder não são nada ! só oprimidos que precisam de reparações.

Enfim, é esse raciocínio que fez com que setores consistentes do mvto negro norte americano se alinhassem ao mais obtuso anti-semitismo.

Ora, as consequências políticas são nefastas ... para os negros!

O que afirma o movimento de libertação (a constituição da liberdade), a marcha da liberdade (os jovens negros e mestiços dos prês que querem entrar na universidade mas são super resistentes às mobilizações propostas pelo movimento negro), é exatamente o contrário:

- que sem a autonomia-potência dos negros, o Brasil não seria nem 10% do que é!

- que os negros se libertaram sozinhos

- que a libertação não tinha nada de funcional

A libertação não constituiu nenhum exército industrial de reserva. Essa que é a anomalia. Anomalia da potência, da liberdade! É idiotice pensar que os fazendeiros não quisessem os negros como operários assalariados. Qual era o problema para eles? Vocês acham que as condições de trabalho dos imigrantes nos cafezais eram boas? Por que os governos italiano e alemão chegaram a vetar a emigração para o Brasil? É estupidez abissal pensar que o fazendeiro se recusasse a lucrar sobre o trabalho livre dos negros porque esses eram inferiores. É como pensar que a escravidão era cultural e não um regime material, de TRABALHO COMPULSÓRIO. É como pensar que o racismo que a gente combate é o preconceito dos provincianos que não conhecem os outros: ora, quando a cor não permite inferiorizar, usa-se o passaporte, ou o sexo etc., para extorquir trabalho de graça!

Foram os negros libertos que não quiseram mais voltar nos cafezais, e já estavam fora, fazendo outra coisa.

É a libertação que obrigou os senhores a procurar outra mão de obra e, depois de décadas fazendo contrabando de africanos, acabaram descobrindo que era mais barato desviar os fluxos milionários de migrantes que iam da Europa para a América. Os mais numerosos, os

italianos. Os imigrantes foram lá onde havia grana para trazê-los! Por que não foram branquear o Brasil inteiro?

Por que não branquearam o pampa gaúcho e foram colocados no meio do mato da serra, onde não havia ninguém para branquear? Por isso, ao longo de algumas décadas, os negros eram mais livres do que os imigrantes.

Alexandre, dizer que no final do século XIX havia racismo no Brasil é dizer tudo e ... nada! Os negros e os mestiços conquistaram a liberdade já quando havia escravidão! Racismo é um eufemismo. Isso significa que a liberdade dependia deles! Liberdade que passava inclusive pela mestiçagem.

O racismo no Brasil é uma construção pós-abolição! Isso que precisamos dizer. Antes da abolição, os negros nem existiam como sujeitos. O racismo é a modulação da população que, teoricamente, tem os mesmos direitos e vai ser inferiorizada de outro modo.

E isso foi feito com inteligência. Enquanto Vargas fechava as fronteiras (os imigrantes que chegaram foram chegando de maneira marginal depois disso), Freyre inventava - grande inovação - a democracia racial e construía as bases do povo que a nação procurava.

Mas a crítica desse "povo" não pode ser reacionária, a construção de um mosaico de povos, porque seria ainda pior. A crítica dos prós é a crítica que quem quer misturar tudo de vez e não apenas os de baixo. É a luta da mestiçagem contra o cinza! O arco-íris contra o céu cinzento da nação!

Ciao

Beppo

---

From: Raul Vinhas Ribeiro

To: Universidade Nomade

Sent: Thursday, August 23, 2007 3:07 PM

Subject: [Universidade\_nomade] Miscigenação não leva à democracia racial, diz sociólogo

Miscigenação não leva à democracia racial, diz sociólogo

Publicada em 23/08/2007 às 08h31m

<http://oglobo.globo.com/ciencia/mat/2007/08/23/297387917.asp>

---

De: Giuseppe Cocco

Para: universidade\_nomade

Data: Thu, 23 Aug 2007 18:37:38 -0300

Assunto: Fwd: Re: [Universidade\_nomade] Miscigenação não leva " à democracia racial, diz sociólogo"

O artigo pode ser lido, na íntegra, em

[http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial\\_2/pdf/vol18n2/v18n2a11.pdf](http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial_2/pdf/vol18n2/v18n2a11.pdf)

---

From: Leonora Corsini

To: universidade\_nomade

Sent: Saturday, August 25, 2007 12:07 PM

Subject: [Universidade\_nomade] Fwd: Re: Miscigenação não leva " à " democracia racial, diz sociólogo" "

Olá Beppo, eu já tinha lido. O texto tem o mérito de desmistificar a idéia de uma suposta democracia racial, e também de mostrar como a violência contra os negros opera por modulações. Mas achei problemático ele lamentar (pelo menos me pareceu assim) que a mestiçagem nao tenha produzido uma "homogeneização". Acho que, ao pegar pelo negativo a mestiçagem, como se fosse uma politica feita de cima para baixo para ocultar o fato de que a democracia racial à brasileira é falsa, nunca existiu, ele deixa de lado a dimensão constituinte da mistura, do encontro, da diferença. Fiquei também com a impressão de que ele acredita que só tem democracia e justiça com a homogeneidade, com o reforço da identidade (de uma identidade de raiz). Mas ele não considera em nenhum momento nesse texto a possibilidade de a mestiçagem poder ser lida como linha de fuga, como resistência. O que voces acharam?

Bjs, Leo

---





bem, em matéria de 'liberô geral', mas... cadê a resistência?! A resistência não foi vista ou, então, a resistência foi apagada.

Daí em diante, pouca diferença faz que se demonstre, ou não se demonstre, que há ou que não há racismo no Brasil. Porque, haja ou não haja racismo, já não há resistência possível. 'Entregou-se' a potência para resistir, em troca de salvar-se... alguma teoria sociológica que vise a demonstrar... que há racismo no Brasil. Sim mas... e daí?! -- perguntam os resistentes, os quais, aliás, estão careeeeeeeeeeeeeeeecas de saber que, sim, há racismo no Brasil e .

Muitas vezes, na minha vida, eu já preferi enfrentar o Bornhausen nu & cru, em pessoa, do que eu ter de enfrentar as sinuosidades dos discursos da ideologia ongo-sociológica. Em textos interessantes, então, a argumentação que vise a desconstruir o discurso-máscara (de classe? Eu, que sou do PCdoB, sempre acho que sim, mas estou aberta a negociações), a briga fica ainda mais difícil.

(E nem sei se, aqui, consegui escrever coisa-com-coisa.)

PS - Até 2ª feira, no mínimo, estou ATOLADA em trabalho-grana. Se eu sumir, não se preocupem. C.

---

De: Raul Longo

Para: universidade\_nomade@listas.rits.org.br

Data: Sat, 25 Aug 2007 15:29:18 -0300

Assunto: Re: [Universidade\_nomade] Fwd: Re: Miscigenação não leva " à " democracia racial, diz sociólogo" "

Sem sequer pretender que minha opinião possa contribuir em alguma coisa para a discussão, mas pelo tema do assunto me ser recorrente, comento ter encontrado nesse enunciado abertura para diversas análises sobre a mestiçagem, e espero que o autor as tenha feito na íntegra do texto. Lerei, é claro, mas no momento não tenho tempo para fazê-lo.

No entanto, quero colocar brevemente uma impressão que tenho há décadas, sobre a questão do mulato no ponto de vista do branco, também inspirada em observação do Sartre num texto de qual não mais lembro o título.

Naquele ensaio Sartre apresenta como hipótese para o racismo entre negros e brancos, uma atração e conseqüente inveja do branco pelo negro, e vice-versa, por considerar que também haja particularidades atrativas nos brancos, invejadas pelos negros .

Ao elogiar a beleza das feições indígenas da criança de uma família oriunda de Manaus ou Belém, provoquei grande indisposição em seus pais, visivelmente descendentes de índios, ainda que bem sucedidos financeiramente e moradores em bairro de classe média de São Paulo. Estranha situação, radicalizada no relato de um amigo que conhece alguém que fez o processo de embranquecimento de pele (como Michel Jackson e Ângela Maria), e sempre que há sol busca a praia para se bronzear.

Percebo que o racismo brasileiro se difere do norte-americano porque nos E.U. o negro é considerado ameaça por ser negro, ser outra raça a ocupar o espaço considerado de exclusividade branca. No Brasil a ameaça sentida pelo branco racista, me parece ser outra e mais complexa, até porque mais inconsciente e ainda mais interiorizada nos indivíduos.

Em discussão com um racista, ele me desafia perguntando se me casaria com sua empregada, negra. Devolvi perguntando que diferença haveria entre casar com uma empregada branca, ou com uma patroa negra. A resposta foi imediata, a diferença estaria em ter filhos mulatos.

O racismo aos negros no Brasil muitas vezes demonstra não se basear fundamentalmente nas diferenças físicas das etnias (acrescidas de suas conseqüências), mas o racismo ao mulato me parece conter muito de um receio ou insegurança do branco brasileiro, em não ser tão exclusivamente branco quanto pretende. E nesse caso, o mulato é a confirmação dessa possibilidade ou realidade negada.

Muito estranhava, quando menino, a inexistência de documentação fotográfica de uma de minhas bisavós, embora por todos sempre carinhosamente lembrada. Havia fotos dos demais avós e bisavós, e se podia situar as cidades e regiões italianas de suas procedências. Mas especialmente daquela personagem nunca vira nenhuma foto, e quando me ocorreu perguntar sua origem, a resposta foi lacônica: portuguesa. Lembro de ter questionado a introdução daquela portuguesa-brasileira entre os recém vindos de Itália, e de terem reafirmado sua origem lusitana, descrevendo-lhe um buço como comprovação.

Quando enfim encontro, em casa de outros parentes, uma rara fotografia daquela bisavó paterna, constato se tratar de uma evidente mulata. Talvez pela qualidade da foto antiga, não pude reconhecer-lhe o buço, mas também não qualquer outra característica que indicasse alguma outra influência genética que não fosse a afro-descendência, veementemente rechaçada sempre que, desde aí, a comentava, compreendendo enfim, alguns detalhes físicos da família, como o acentuado ondular dos cabelos.

E o que mais me intrigava é que além de sempre lembrada com particular saudosismo, ressaltava-se nesses relatos o ter sido uma liderança familiar, inclusive na formação religiosa daqueles italianos que, mesmo vindo católicos, ou anarquistas anti-clericais e anti-religiosos, através dela se tornaram espíritas: kardecistas alguns, mas a maioria umbandistas, como meu pai que incorporava diversas entidades africanas ou de escravos, embora sempre reagisse intempestivamente a cada vez que eu me declarava mulato.

Confirmando Sartre, quando da fundação do Ilê Ayê, em Salvador, na qual participei trabalhando com Aninha e Chico, seus idealizadores, fui impedido de desfilar pelo Chico, alegando que se ao menos eu fosse mulato, poderiam aceitar.

Não é fácil ser mulato num país em que a maioria não se assume como tal. Sendo a maioria dos brasileiros mulatos, não é fácil ser brasileiro no Brasil.

Concordando com Sartre, os brancos brasileiros podem invejar Pelé, invejar a criatividade, a disponibilidade para o viver. Ser atraídos pela culinária, valorizarem a feijoada, o samba. Enaltecer diversos elementos negros, reconhecendo-os como símbolos nacionais. Muitas vezes

o fazem mantendo um distanciamento pseudamente douto, como se fossem recém-chegados, turistas complacentes, capazes de valorizar a cultura local.

Há aí também um racismo embutido, que se disfarça nesse enaltecimento, mas revela-se exatamente quando não se assume como sua própria cultura. Muitas vezes o racismo está visível, porém disfarçado, no próprio enaltecer das qualidades dos negros, sem assumir-se como da mesma cultura que molda gerações de Vinícius de Moraes, Adoniram Barbosas e Chico Buarques.

Somos mulatos desde as "Memórias de um Sargento de Milícias", somos mulatos desde quando dançávamos maxixe, e não samba. Já éramos mulatos quando chegaram japoneses e italianos que aqui também se 'mulataram'. Mulatos de todas as origens, de todas as Europas, Arábias, Ásias e sertões de Américas.

Observações, igualmente racistas, sobre "negros que se deram bem na vida", ou o "negro de alma branca", não deixam de transparecer algum reconhecimento, alguma aceitação ou complacência que não se estende ao "mulato que se deu bem na vida", nem a tentativas de se reconhecer no mulato, alguma parcela branca. Quando muito, se o trata por "neguinho metido a branco".

O Estádio Edson Arantes do Nascimento existe há muito tempo. Mas o de Mané Garrincha, só será inaugurado este ano.

Então o Ronaldo Sales me parece ter razão por um lado, mas pela mesma observação da Leonora estranhei o emprego do termo "homogenização" e pretendia encontrar melhor explicação na íntegra do texto, imaginando se referir a conformação econômica-social. De toda forma, esse emprego da palavra pode mesmo provocar mal entendidos quando o assunto é a salutar e enriquecedora heterogênese étnica.

Não agora que não tenho tempo, mas terei de ler essa íntegra, pois o comentário da Leonora também me deixou confuso, provavelmente por não ter compreendido a que ela se refere afirmando não se apresentar no texto "a possibilidade de a mestiçagem poder ser lida como linha de fuga".

Mas lamentarei se o autor, conforme constatado pela Leo, não apontar em nós todos: mulatos, cafuzos, mamelucos, curibocas, caboclos; uma possibilidade de resistência. Pois concordo com o Arnaldo Carrilho quando aponta como solução para muitos de nossos problemas existenciais e nacionais, o assumirmos quem e o que indubitavelmente somos. Negando-nos em nossa realidade, nunca chegaremos a coisa alguma a não ser ridícula imitação do que nunca seremos. E tomara que encontre isso na íntegra no texto. Se não achar, quando tiver tempo de ler, volto aqui ao assunto, pois nos é sim inerente.

Raul Longo

---

From: Leonora Corsini

To: universidade\_nomade

Sent: Saturday, August 25, 2007 6:00 PM

Subject: Re: [Universidade\_nomade]Fwd: Re: Miscigenação não leva "à" democracia racial, diz sociólogo " "

Raul, como voce nao leu o texto do Ronaldo Sales, apenas queria comentar essa questao da mestiçagem como linha de fuga. Bom, primeiro é preciso dizer que estou pensando em linha de fuga nos termos de Deleuze e Guattari, que se referem, com este conceito, aos vetores de desorganização ou de desterritorialização que apontam ao mesmo tempo para duas ações: fugir e fazer fugir. Então linha de fuga não supõe apenas a fuga, ir para fora de algum lugar (os negros deixando de ser negros, como Michael Jackson), mas a possibilidade de fazer fugir, de embaralhar códigos, de se abrir aos devires (por exemplo, a sua bisavó, já não dá mais para saber se era portuguesa, negra, mulata...). Os devires possuem uma relação privilegiada com a feminilidade (devir-mulher), com a infância (devir-criança), ou com instâncias consideradas minoritárias (devir-judeu, devir-negro), isto porque possibilitam relações que "fazem fugir" uma situação constituída de dicotomias organizadas a partir de um estado de maioria (homem-mulher, adulto-criança, branco-negro, branco-indio) definida pelo macho adulto branco. Acho interessante a sugestão de que o temor de ficar de fora dessas classificações binárias (de que cor serão os filhos da empregada negra com o patrão branco? Ou vice-versa?) é uma explicação possível para rejeição inconsciente do mulato, ou da vida mulata (o poeta caribenho Edouard Glissant fala de uma "creolização" do mundo, uma ideia que acho genial...). Mas penso que a rejeição da mistura como um eventual "devir" branco do negro ou do indio seja uma contradição nos termos do conceito deleuziano.

Autores multiculturalistas como Stuart Hall (identidades híbridas) também veem a miscigenação positivamente, como estratégia de fuga. O S. Hall diz que (estou citando) no quadro de uma crescente fluidificação do panorama étnico e cultural no mundo que é muito antiga, vem desde os tempos coloniais e fica mais intensa com a globalização, o que acontece é uma reconfiguração estratégica das forças e relações sociais em todo o planeta que teve como efeito paradoxal a "proliferação subalterna da diferença", "uma composição marcada por muitas diferenças locais as quais o eixo vertical do poder é obrigado a considerar". Continuando com Hall: "não se trata da forma binária de diferença entre o que é absolutamente o mesmo e o que é absolutamente 'Outro', mas de uma 'onda' de similaridades e diferenças, que recusa a divisão em oposições binárias fixas". Uma consequência linguística desta onda seria, segundo Hall, a proliferação de novos significados para o termo black, que na Inglaterra passou a designar tanto as comunidades afro-caribenhas quanto os asiáticos que vivem no país.

Em Império Negri & Hardt tratam a miscigenação e o nomadismo da multidão como um movimento de resistência fundado na mobilidade e na circulação que "faz fugir" tudo o que está atrelado a um nação, a uma identidade, a uma etnia ou a um povo, sendo, portanto,

inteiramente positiva. Citando: "O nomadismo e a miscigenação aparecem como figuras virtuosas, como práticas éticas primordiais no terreno do Império, que fazem ruir o espaço objetivo da globalização capitalista ou neoliberal".

Me desculpe por tantas citações, é que esta discussão me empolga e eu queria explicar o que eu disse sobre o texto que, afinal, é pertinente, deve ser lido e debatido.

Abraços,

Leonora

---

Data: 25/08/07 21:11

De: Raul Longo

Para: universidade nomade

Assunto: Re: [Universidade\_nomade] Fwd: Re: Miscigenação não leva " à " democracia...

Obrigado pela explicação, Leonora. Muito boa por me fazer compreender uma expressão que poderia vir a tomar em outro sentido; mas ainda melhor por me apontar novos paradigmas e óticas nas quais sequer havia pensado.

Exagerei no meu afastamento para pôr pensamentos e escritos em ordem, e hoje, aqui pelo UN mesmo, vejo quanto fiquei defasado. De forma que suas citações também são bastante úteis, servindo-me como referências.

Não posso, ou melhor, não quero mais fazer o mesmo caminho de antes quando lia tudo o que aparecesse. E tanto que tive de me afastar para coordenar até mesmos meus interesses.

Há um problema sério nessa coisa de auto-didatismo que é a falta de critério. Então, aqui com os Nômades, vou pegando referências, mas tento me introduzir lentamente (na forma em que aconselhava Nietzsche) e vou descobrindo leituras preliminares, como o Néstor Canclini que tem um texto interessante sobre o que aqui conversamos.

Especialmente há alguns parágrafos (nada longo demais) que posso procurar para você, caso não tenha lido Diferentes, Desiguais e Desconectados - Mapas da interculturalidade.

No momento ainda tenho algumas coisas a resolver, que intercalo com a leitura das msgs, mas se não leu e lhe interessa, me avise que vasculho meus destaques no livro.

Mas quero lhe relatar um ocorrido do último domingo que tem sua relação com o que agora conversamos.

Além do privilégio de uma belíssima paisagem nas minhas janelas, usufruo também do luxo de domingos de samba bem em frente da minha casa, num barraco de pesca.

O barraco é de sociedade entre um pescador e um dos melhores compositores daqui da Ilha. O Lima, daqui dos nômade, é amigo do Nelsão, um dos freqüentadores do barraco aos domingos, e também promotor de rodas de samba no vizinho bairro de Sto. Antonio de Lisboa, onde aos sábados se ensaia o Bloco Baiacu de Alguém.

O barraco daqui do Sambaqui é do Lourenço, o pescador, e do Neco, o compositor. Freqüentadores nacionalmente famosos é o Yamandu Costa e a Ideli Salvati.

Mas isso é só para ambientar, pois o que interessa no relato é que quem seja de música popular, brasileira ou estrangeira, que por ventura visite Florianópolis, vem ao Babaçu de Alguém ou ao rancho do Neco, onde se juntam gentes de classe média abaixo e de todas as raças e nacionalidades (apesar de uma população de 350 mil, Floripa talvez seja uma das mais cosmopolitas das capitais brasileiras).

Pois no domingo passado, uma moça negra muito bonita sambava sozinha uma ou outra música. Sambava sozinha porque seu namorado, branco e de cintura dura, apenas assistia com cara-de-marido.

No requebro da moça, tive certeza de ela ser carioca, mas a cara-de-marido do seu companheiro não me animava a certificar.

E havia outra moça, também bonita, e essencialmente caucasiana, que se esforçava com pé-afrente pé-atrás, num arremedo de samba, muito destoante do da negra.

Mas a negra não se soltava tanto quanto a loira. Talvez nem só pelo cara-de-marido, mas também pela levada das músicas que, por momentos, envereda por Miltons Nascimento, tangos, chorinhos, milongas, forró, pois nem só de samba se vive nesse Sambaqui.

Sem contar as indefectíveis seleções de Cartola, Nelson Cavaquinho, e outros não tão indicados aos requebros da moça, mais típicos de terreiro.

Pois num momento, uma vizinha, que depois soube hospedar a moça caucasiana, cochicha alguma coisa no ouvido do Neco que anuncia termos ali uma visita alemã. E que a alemã iria cantar. Era a caucasiana.

Os músicos olharam espantados. Deles, só quem sabe algo de música alemã é o sanfoneiro, e ainda assim conhece apenas as tradicionais marchas de festas de chopp.

A moça cochichou algo com o do violão (Reizinho, grande violão!) e para nossa surpresa mandou uma seleção de excelentes sambas dignos dos mais experimentados passistas. Já no início o cara-de-marido foi esquecido, e aquilo virou um espetáculo de improviso, com uma beleza branca cantando para uma beleza negra sambar com toda sua desenvoltura.

Toda a assistência se mexia, mas o espetáculo era tão catártico que nem os mais animados e insistentes dançarinos em qualquer ritmo, preferencialmente o samba de terreiro, se animou a entrar na roda, das duas, pois evidentemente a branca cantava para a negra, que exclusivamente para ela sambava e, confirmei depois, nunca tinham se visto antes.

A última música da seqüência foi a "Morena de Angola que leva o chocalho na canela" e ficou difícil se definir se a branca é que mexia com a negra, ou se a negra é quem mexia com a branca. Mas, enfim, me deu oportunidade de confirmar, era mesmo carioca.

A alemã não é de nenhuma cidade famosa e já não lembro mais o nome. É a primeira vez que vem ao Brasil, mas já estudara português em seu país, motivada exatamente pelo encanto que lhe despertou a música afro-brasileira.

Veja você o que, de fato, é globalização. Desculpe ter te ocupado com esse relato, mas é que no meu modo empírico de experimentar as coisas, ele se relaciona com o que me explicou e agradeço.

Raul Longo